

BRASIL - PORTUGAL

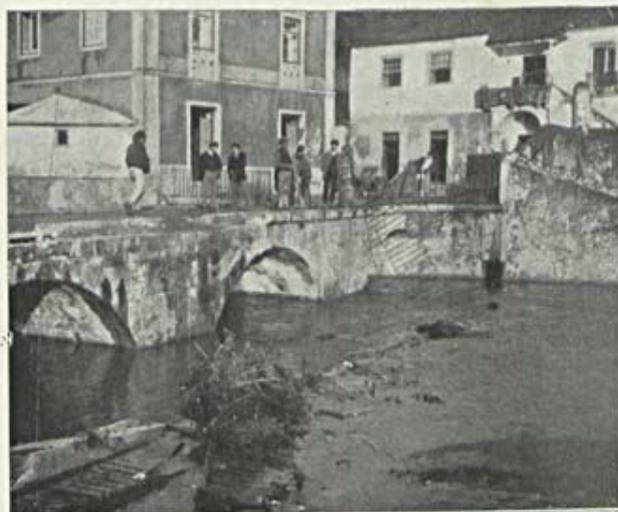
DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjô.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

1 DE JANEIRO DE 1910

N.º 263

Uma catastrophe nacional

OS TEMPORAES
DO MEZ
DE DEZEMBRO



(Clichés de A. C. Lima).

Varios aspectos das Inundações em Alemquer

Terminou mal para o nosso país como mal havia começado o anno de 1909. Portugal, ha muito ponposo pelos grandes cataclymos que a natureza de vez em quando desencadeia como que para lembrar aos homens a sua fraqueza e a fragilidade das suas maiores obras, soffreu no anno findo dois tremendos desastres, d'aquelles que só podem ser attenuados com longos annos de trabalho, persistencia e patriotismo.

Na primavera, quando todo sorri, quando a vida se nos afigura melhor, quando parece que nada deveria morrer, um violento tremor de terra destruiu quasi por completo as villas de Benavente, Salvaterra e Samora, sepultando nas suas ruinas obras seculares e deixando o luto e o pavor na alma de todos aquelles que perderam os seus entes queridos e os seus haveres, e viram n'um momento transformadas em escombros velhas localidades onde de ha muito se haviam acostumado a viver.

Agora, em vespuras de Natal, já quando todos se preparavam para a grande e tradicional festa de familia, quando talvez antecipadamente já saboreavam as alegrias d'uma noite bem passada na santidade do lar e na intimidade de todos os seus, uma nova fatalidade e está ainda mais tremendo, lançou cinco provincias portuguezas na miseria depois de as ter feito assistir a horas pavorosas que a muitos de certo lembram velhas lendas que veem desde a Edade Media e que nos dizem que o mundo se acabará um dia pela agua ou pelo fogo.

A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

O balanço de uma quinzena. Tudo se reduz a Mimi Aguglia e ao sr. José Luciano de Castro. Uma tragica insigne e um vaudevillista assombroso. Uma historia de ha trinta e tantos annos. Hoje. As minhas orelhas e as orelhas do bloco liberal. O peru politico. Cae o Carmo e a Trindade e um céu velho. Morrem os pardaes e salva-se um metro de bico amarello. Coisas que nunca esquecem.

Apurado o meu canhenho de apontamentos da quinzena, ella resume-se, substancialmente, em dois nomes: Mimi Aguglia e José Luciano de Castro.

Da Mimi não me cabe falar, pois que isso é mister de outrem com auctoridade no assumpto. Mas o sr. José Luciano — alto lá! — o sr. José Luciano é meu, muito meu, e por coisa alguma estou disposto a cedel-o. Tanto mais que temos a ajustar umas velhas contas...

E não sei qual de nós fique mais bem servido; se eu, chronista litterario, com o illustre chefe do partido progressista, se o chronista theatral com a actriz siciliana. Porque se a Aguglia é um singularissimo typo de interprete de tragedia, o sr. José Luciano é verdadeiramente assombroso no raudville. Ah! isso é que elle é! Em que pese ao sr. Alpoim, ao sr. Vilhena, a todos os que o sr. José Luciano tem codilhado com os seus trucs á Feydeau. Assombroso!

Desde muito mocinho me habituei a considerar o sr. José Luciano de Castro um homem excepcional. Mercê de circumstancias muito especiaes, eu ouvia frequentemente falar do sr. José Luciano de Castro como um homem que tudo sabe e cujo conselho deve ser seguido cegamente. Meu pae era advogado. No seu escriptorio appareciam outros collegas d'elle e delegados e juizes e escrivães e solicitadores — toda essa gente que se divide em dois grupos: o que diz — mata!; o que grita — esfola! Por todos os vapores da carreira dos Açores chegava um jornal, que meu pae lia de fio a pavio, guardava e colleccionava em volumes. Era o *Direito*. E esse *Direito* trazia a largas letras, no seu grosso cabeçalho: director — José Luciano de Castro. E a proposito de qualquer coisa do fóro, meu pae ou os seus collegas diziam a cada momento: — Homem, n'uma consulta do José Luciano... Recorde-se v. que o José Luciano disse no *Direito*... A opinião do José Luciano n'um caso analogo...

— Mas quem diabo será este José Luciano? dizia eu com os meus botões, muito intrigado. A meu pae não me atrevia a fazer a pergunta. E aquella cega-rega de José Luciano, disse, José Luciano fez, José Luciano assim, José Luciano assado, punha em agua a minha cabeça de nove annos. Um bello dia, muito intrigado, fui ao quarto dos engommados onde estava passando roupa a ferro uma velha creada muito estimada e respeitada por todos, lá em casa, cujas ex-

cepçionaes qualidades e longos annos de serviço lhe davam auctoridade para falar-nos, aos petizes, como pessoa de familia.

— Oh Barbara, tu sabes quem é o José Luciano?

— Porque pergunta o menino isso?

— Porque desejava muito saber quem é o José Luciano.

— Pois não tem nada que saber, respondeu, rispida. Ora vá estudar as suas lições e não se importe com esse...

— Esse, que?

— Com esse bebado!

— Bebado?! Tu estás doida, Barbara! Olha que o José Luciano é por força uma pessoa muito respeitavel.

— Oh menino, suma-se d'aqui p'ra fóra!

— Já te disse. O papá fala muito n'elle.

— O papá tambem já está em idade de ter juizo!

Não insisti. A Barbara não era pessoa com quem a gente teimasse. Depois, coitada, ella tinha as suas razões: para ella, o mundo, era a nossa ilha e só havia um José Luciano — aquelle a quem chamava bebado e era realmente um

tencia d'este não sabia eu. Ora um bello dia, falando-se no escriptorio em coisas de jurisprudencia (parece-me estar vendo Guerra Junqueiro, então secretario geral do governo civil do meu districto, rir até ás lagrimas com o caso) um dos interlocutores exclamou:

— Perdão, o José Luciano sabe o que diz!

Eu não me pude conter e exclamei:

— Mas elle é um grande bebado!

Esta colherada mettida em assumpto para que não era chamado valeu-me um excellente puxão de orelhas e ser expulso do escriptorio. Nada lhes digo do estado de espirito em que fiquei. Já lá vão trinta e tantos annos. Mas o que lhes garanto é que trinta annos depois, quando foi da dissidencia progressista, o sr. Alpoim não estava mais fulo.

Não vão agora julgar que eu contei esta historia para me habilitar á presidencia do conselho. Deus me defenda! Mas a verdade é que muito antes do sr. Alpoim ser victima de perseguições do seu antigo chefe, já eu sentia as orelhas a arder por conta d'elle.



Conselheiro Francisco Antonio da Veiga Beirão

Actual presidente do conselho de ministros

O ministerio

E' um governo de marechaes o que ha dias subiu ao poder. Dos oito novos ministros não ha um só a quem seja extranha a governação porque já todos elles passaram pelas cadeiras ministeriaes. Esta organização de gabinete mostra bem o proposito de quem a ella presidiu. O velho chefe progressista entendeu, e bem, que no mar revolto da politica actual só a pilotos experimentados devia ser confiada a barca da administração.

Está á frente do governo o sr. conselheiro Beirão, cujas facultades de intelligencia, cuja experiencia em tantas crises e em tantos governos provada, e cujo caracter diamantino, são uma garantia, não diremos da existencia, mas da seriedade que, pelas varias pastas, deve presidir aos actos do governo. Os ministros que o acompanham tem tradições individuaes que obrigam, e nomes politicos que acarretam responsabilidades.

Offerece perigos como nunca a conjunctura presente. De um lado ambições desenostradas, do outro orgulhos esmagados e desanimos latentes. Aqui é um chefe politico que abandona o posto, por motivos que, não obstante as explicações conhecidas, se conservam inexplicaveis, além é um partido que parece hesitar entre o reconstituir-se ou o esphacelar-se, e para coroa e remate d'este edificio de duvidas, de suspeições, de mal estar social e politico, a tueta que se annuncia entre as vaidades de uns, as ambições de outros e as tumultuarias paixões de quasi todos.

N'estas circumstancias a duração da vida do governo é um enigma, como é um enigma a vida, a força e a duração dos partidos politicos em Portugal.

Isto passou-se em setenta e tantos. E hoje, ouvindo falar do sr. José Luciano, lendo qualquer coisa a respeito do sr. José Luciano, pensando no sr. José Luciano, ainda sinto brazas nas orelhas. E não faço parte do bloco liberal. Por este domingo tire o meu leitor os dias santos. Imagine como estarão a estas horas as orelhas dos chefes regenerador e dissidente, a quem o venerando chefe progressista acaba de enviar como peru do Natal... o sr. Francisco Beirão em presidente do conselho.

Que vai pagar todos os seus maledicões com juros de usura, dizem os seus adversarios em inflamados artigos de gazetas. Ora então vamos lá a ver isso! O espectáculo não offerece novidade mas é sempre interessante. Cahirá um céu velho, morrerão todos os pardaes, ficando sempre um metro... de bico amarello. Elle, o sr. José Luciano!

Quando, apoz o cataclysmo, os sobreviventes removerem os escombros, alli em cima, entre a Estrella e Buenos Ayres, encontrarão o sr. José Luciano muito sereno, commodamente sentado na sua poltrona, em frente de uma banca de jogo, fazendo a sua paciencia, com o lendario gato maltez nos joelhos.

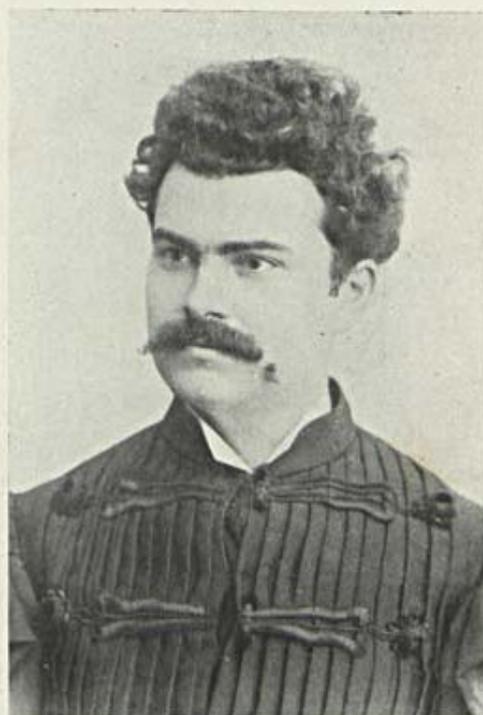
O NOVO MINISTERIO



Conselheiro Dias Costa
Ministro do Reino



Conselheiro Eduardo Villaça
Ministro dos negocios estrangeiros



Conselheiro Moreira Junior
Ministro das obras publicas



Conselheiro Arthur Montenegro
Ministro da justiça



Conselheiro Soares Branco
Ministro da fazenda



Conselheiro João de Azevedo Coutinho
Ministro da marinha



Conselheiro Mathias Nunes
Ministro da guerra

— Então, senhor conselheiro, teve a felicidade de escapar à catastrophe?
 — Qual catastrophe? Não dei por isso...
 — Vae tudo raso, lá por fóra. Tudo! Precisa-se de um Pombal para reedificar tudo... Que fazer, sr. conselheiro?
 — Sereno, sereno... A primeira coisa a fazer — é outro ministerio. Eu cá trato d'isso.
 E duas horas depois sete ministros sahidos da rua dos Navegan-

Centenario do Nascimento de José Estevam Coelho de Magalhães



O monumento do illustre orador no largo das Côrtes

O maior tribuno da liberdade e da democracia teve a sua consagração no dia 27 d'este mez, em que passava o primeiro centenario do seu nascimento.

No prédio da rua Formosa, em que elle exhalou o ultimo suspiro, foi descerrada pelo presidente da municipalidade de Lisboa a tapide commemorativa.

Em frente da sua estatua passou a multidão, que lançou flores aos seus pés de bronze; á noite, no paço municipal, a eloquencia fez o seu panegyrico; e em Aveiro, a terra em que elle nasceu, atingiu, pela emoção e pela imponencia, as proporções de um acontecimento nacional, essa commemoração civica, em que a velha cidade procurou honrar e enaltecêr a memoria do seu filho mais illustre.

tes atravessarão com grande difficuldade a cidade arrasada até ao Terreiro do Paço, para irem governar — os regeneradores e os dissidentes...

Novamente se fará sentir a theatral tempestade. Os trovões de lata ribombarão nos bastidores da politica e um tufão de indignação rugirá aos nossos ouvidos. Serenamente, muito serenamente, á luz fulgurante dos relampagos, o sr. José Luciano continuará a sua paciencia de quinze. A tempestade chegará ao auge. Os elementos da politica, furiosos, abalarão tudo. Ouvir-se-ha, por entre o fragor da procella, a queda dos telhados... de vidro. Para se distrahir um pouco o sr. José Luciano, fatigado da paciencia, (sem duplo sentido) pegará machinalmente n'um jornal da opposição. E em qualquer pagina, em qualquer columna, encontrará uma tremendissima descompostura na sua pessoa. Distrahidamente, os seus olhos percorrerão a prosa inflamada da gazeta adversa. E quando a tempestade attingir aquelle grau em que a prudencia manda appellar para os bons officios de Santa Barbara, o sr. José Luciano fixará esta phrase violenta:

«E' inacreditavel que este paiz esteja á mercê de um homem que não se aguenta nas pernas!»

O jornal cahir-lhe-ha das mãos. S. ex.ª encostar-se-ha na poltrona, bocejará, cerrará os olhos, afagará o gato e adormecerá murmurando:

— E' boa! E' muito boa! E' muitissimo boa! Eu não me aguento nas pernas — e elles é que cahem constantemente!

 Não sei como nem porque, estou a lembrar-me d'aquelle puxão de orelhas de ha trinta e tantos annos. Ha coisas que nunca esquecem a quem teve a felicidade de as sentir a tempo...

CAMARA LIMA.

A MINHA MUSA

Não sei porque a minha musa
 anda zangada comigo;
 já me não tem por amigo
 nem attende aos rogos meus!
 De que a tenho sempre amado
 com ardor que não se acalma,
 faço um juramento d'alma,
 dou por testemunha a Deus!

Hoje se lhe peço cantos,
 amúia-se e faz-se esquivo,
 e sem piedade me priva
 de um innocente prazer;
 scismo a vêr se descortino
 a causa de tal mudança,
 e a mente embalde se cança,
 fico sem nada saber!

Se eu era triste, plangentes,
 tristes cantos me inspirava;
 se minh'alma alegre estava
 comigo se punha a rir;
 no coração, sempre d'ella,
 todo o sentir que eu nutria,
 vinha em métrica harmonia!
 sem empenhos traduzir!

Musa! basta de rigores!
 jámais te fiz um insulto!
 mas incensos ao teu culto
 eu derramo sem cessar!
 Vem dar allivio ao meu pranto,
 dando-me um olhar de graça,
 que eu preciso, na Desgraça,
 soffrer contigo e cantar!

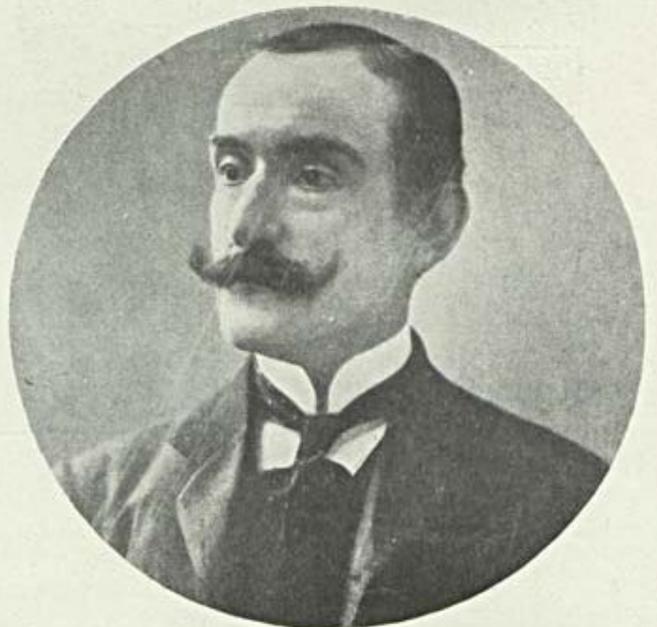
Moçambique — 1908.

Campos Oliveira.

Um professor, indignado contra os discipulos por causa de certas liberdades d'estes no tocante a questões de disciplina, exclama em tom severo:

— Se os senhores imaginam que são aqui o mesmo que eu, não pas-sam d'uns grandissimos alarves.

Um attentado anarchista em Buenos Aires



Coronel Ramon L. Falcon

(† 14 de novembro de 1909)

Foi victima d'um attentado anarchista bem como o seu secretario João Alberto Lastigau (filho), praticado á esquina das avenidas Quintana e Callao, em Buenos Aires, na occasião em que por alli passavam de trem.

O coronel Falcão, chefe da policia de Buenos Aires, era muito estimado em toda a cidade, sendo-o até pelos proprios operarios que conheciam a sua imparcialidade e por isso lhe submettiam muitas vezes a resolução dos seus conflictos com os patrões. Dias antes da sua morte tinha elle liquidado um d'esses incidentes.

No entanto, não confundindo nunca as aspirações do operariado com as idéas anarchistas, o coronel Falcão havia muito que vinha reclamando energicas providencias para reprimir a expansão do terrorismo em Buenos Aires. E' que elle sabia e dizia-o até, que lhe estava reservada uma bomba da qual, com effeito, veio a ser victima.

O seu enterro foi uma imponente manifestação de sympathia.

Leopoldo II

O rei e o chefe de familia

Leopoldo II (Luiz Filipe Maria Victor), rei dos belgas, duque de Saxe, príncipe de Saxe Coburgo Gotha, soberano do Estado Independente do Congo, nasceu em Bruxellas a 9 de Abril de 1835 e subiu ao throno a 10 de Dezembro de 1865. Era filho de Leopoldo I da Belgica e da princeza Luiza Maria de Orléans, filha de Luiz Filipe, rei de França.

O fallecido monarcha teve sempre uma vida de actividade, viajando muito não só pela Europa como tambem pelo Egypto e Asia Menor.

A Belgica fica-lhe devendo, innegavelmente, uma grande parte da sua prosperidade e da sua importancia politica.

Sabendo manter-se sempre no seu papel de rei constitucional, conciliando todos os partidos, todas as opiniões, convivendo com o

ditos, as anedotas que a seu respeito se contam, tornaram-n'o demasiadamente popular n'um sentido pouco proprio d'um rei e d'um chefe de familia.

A sua ultima aventura foi talvez o seu amor pela baroneza de Vaughan, uma simples mulher do povo, filha d'uns porteiros da le-



Leopoldo II, rei dos belgas

(† 17 de dezembro de 1909)

seu povo e amando o seu paiz, a sua melhor obra politica foi, sem duvida, a formação do Estado do Congo, que por sua morte passa a ser colonia da Belgica, que assim augmenta oitenta vezes o seu territorio, passando a ser a quarta potencia colonial.

Em 1876, Leopoldo II reuniu em Bruxellas os principaes exploradores africanos, promovendo notaveis congressos scientificos a que o seu nome ficou ligado. D'aqui resultou que a conferencia internacional africana celebrada em Berlim, em Fevereiro de 1885, proclamou a constituição do Estado Independente do Congo.

A 21 de abril seguinte, o rei dos Belgas, manifestou ás camaras a intenção de adoptar o titulo de «Soberano do Estado do Congo», que lhe fôra offerecido pela conferencia, o que foi approvedo pelo parlamento, com a condição da união da Belgica com o Congo ser simplesmente pessoal. Contudo, tendo o rei cedido á Belgica os seus direitos á soberania do Congo, fez-se uma nova convenção entre aquelle Estado e o da Belgica a 1 de julho de 1889, assegurando a este ultimo o direito de annexar o Congo ao fim de dez annos, com todos os direitos ligados á soberania. As camaras belgas approvaram essa nova convenção que fazia d'um pequeno estado neutral uma nação colonial de primeira ordem.

Contudo, se a historia pôde falar elogiosamente de Leopoldo II como rei, outro tanto não poderá dizer d'elle como particular e como chefe de familia.

As suas idas constantes a Paris, as suas aventuras amorosas mesmo em edade já avançada, as suas conquistas faceis, os seus



O actual rei da Belgica
e sua esposa, uma das netas de D. Miguel I

gacão de França em Budapest, e amante d'um antigo official inferior do exercito francez chamado Durieux.

Leopoldo II casou, segundo se diz, com a baroneza na igreja de San Remo, em Roma, e teve d'ella dois filhos que actualmente contam: o mais velho, Luciano, duque de Tervueren, cinco annos e



A princeza Clementina da Belgica

filha do fallecido rei e prima do actual monarcha

meio e o mais novo, Filipe, conde de Ravenstein, cerca de quatro.

O rei era doido por estes dois filhos, trazendo constantemente as algibeiras cheias de brinquedos e gulodices com que os mimoseava.

Dô seu casamento com a princeza Maria Henriqueta Anna, ar-

chidudeza de Austria, teve Leopoldo II tres filhas, as princezas Luiza, Estephania e Clementina.

Das tres apenas a ultima teve a dita de poder acercar-se do leito onde seu pae jazia moribundo. A's outras duas nunca Leopoldo perdeu os dissabores que lhe causaram e a que talvez elle tivesse dado



O principe Carlos da Belgica

exemplo com o seu procedimento irregular. Foi implacavel no seu odio até á hora da morte e por mais esforços que as duas princezas empregassem para assistir aos ultimos momentos de seu pae, este manteve-se inflexivel, não consentindo que ellas se lhe approximassem.

Esta demasiada severidade do velho rei não foi bem vista pelo povo belga que de certo raciocinou que não tinha o direito de ser assim quem tão pouco severo se mostrara com as proprias faltas, quem tinha abandonado a propria esposa.

A princeza Estephania, viuva do archiduque Rodolpho, principe imperial de Austria, contrahiu segunda união com o conde de Lonyay. Quanto á princeza Luiza, casada aos dezesete annos com o principe Philippe de Saxe Coburgo Gotha, deu em tempo um formidavel escandalo, fugindo com o conde de Mattachich, com quem ainda hoje vive n'uma união que, não podendo ser santificada pela igreja é ao menos dulcificada pelo amor que mutuamente se consagram.

A princeza, no começo da aventura, fugiu para Nice e d'ahi resultou um duello entre o conde e o principe. Presos os dois fugitivos, a princeza Luisa foi internada n'uma casa de doidos e Mattachich tudo perdeu por causa d'ella, a sua fortuna, o seu posto de official e o seu titulo.

Apesar de todas as intrigas, de todas as ameaças, de todos os perigos, ambos continuaram a amar-se até que um dia, alguns annos depois, o conde conseguiu novamente raptar a princeza, vivendo desde então socegados.

Em consequencia da morte de Leopoldo II, subiu ao throno seu sobrinho, o principe Alberto Leopoldo Clemente Maria Meinrad, nascido a 8 de abril de 1875 e casado a 2 de outubro com a princeza Izabel Valeria, filha do duque Carlos Theodoro da Baviera e da senhora D. Maria José de Bragança, filha de D. Miguel I e da Senhora D. Adelaide de Bragança, ha pouco fallecida.

Senta-se pois actualmente no throno da Belgica uma princeza da casa de Bragança, prima do rei de Portugal.

PENSAMENTO

Amar e ser amado é apenas um cambio de interesses, que se mascara com o titulo sentimental de *fusão de duas almas*. Amar e não ser amado, conduzir atravez da vasta extensão da terra um coração, occulto a todas as vistas, onde existe, como no sacrario, um simbolo defezo a todos os contractos, eis o que é o amor verdadeiro, o unico de que não é licito duvidar.

Guilomar Torreão.

Lucilia de... Lamartine

AD. Lucilia era uma linda meditativa que sorvia gulosamente capitulos de Lamartine alternados com chá do Japão. No seu quarto de virgem ociosa e rica, havia sempre um bule destampado a respirar aroma e um romance aberto a emanar ideal.

Mimosa e miuda, de um talhe ondeante, a Lucilinha tinha sempre nos olhos pretos e no rosto levemente desmaiado o encanto de um anjo convalescente, proximo a regressar á tangente perdida da belleza maxima.

Chegara aos 25 annos sem escolher noivo dentre tantos que vorazmente lhe incensavam o dinheiro e a carne, os quaes iam casando com amigas suas, sem que um delles podesse glorificar-se de lhe haver beijado a ponta de uma luva.

O unico galanteio que momentaneamente a commovera fora o pedido de um namorado que lhe exorara um dia no jardim, á beira do lago, para o deixar beber um gole no ponto dagua onde se reflectia a sua mãosita enluvada.

Mas, casualmente, a essa hora, o ganhão da lavoura conduzia o gado ao tanque, e bois e namorado mergulharam simultaneamente as boccas na agua, ao assobio convidativo do creado.

Quando o galanteador, cansado de beber, na ancia de levantar até aos labios a sombra da luva projectada no fundo do lago, ergueu a bocca aberta e o bigode a escorrer, Lucilia soffreu a visão de um boi a babar-se, e fugiu espavorida.

«A prosa, a prosa da vida!...» pensava ella á noite, movendo lamentosamente os dedos languidos no teclado do piano.

Fôra como se n'um ramo de violetas as suas narinas subtis e gulosas roçassem uma urtiga brava dos caminhos!

E nunca lhe sahiu dos olhos o bigode do rapaz a escorrer, e dos ouvidos o assobio do ganhão a convidar á bebida.

Era bem um ser estranho, exotico, a linda e rica Lucilia. Sobre amor, o seu ideal—como ella ainda dizia—era ligar-se a um homem que nunca tivesse amado.

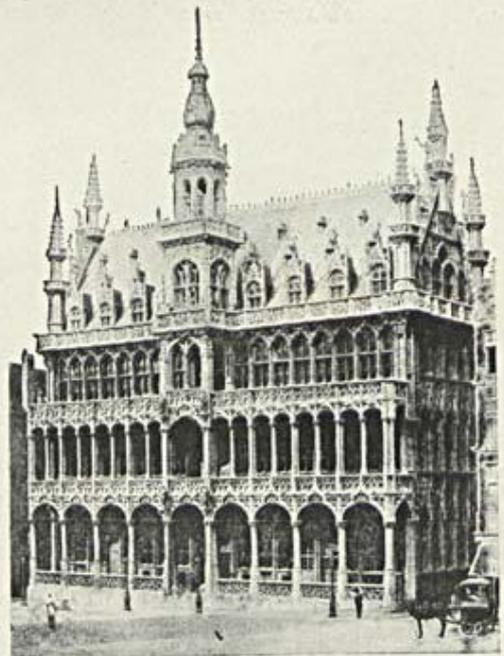
Mas onde encontra-lo?

Como distingui-lo entre os demais?

O delirio do amor, na sua theoria sentimentalista, devia ser como a febre de certas doenças que levam á morte ou concedem a immuniidade. Uma doença como a variola que burilasse no rosto um traço fundo, perpetuo, sem prejudicar a belleza.

Infelizmente, para ella, todos os homens lhe pareciam vacinados, intangiveis...

Ao menos o coração devia ser uma viscera externa onde se lésse,



O palacio real de Bruxellas

como na escala de um thermometro, o grau de amor assignado por uma columna de sangue.

Entre os dois thermometros Lucilia exigia apenas esta differença: quando o coração attingisse o grau mais subido, nenhuma força podia altera-lo.

Era assim, com processos objectivos, que a doce Lucilia idealmente subjectiva, desejava garantir-se contra a frequencia da men-

tira masculina, porque era principalmente contra os homens a sua theoria de modificação organica.

«Lá por ella — dizia a todos n'um sorriso triste — não precisava. Quando disser amo, amarei só uma vez.»

E como alguém lhe falasse então da fragilidade do coração feminino, Lucilia garantiu logo modestamente que o seu era imperfeito e quebradiço como o vidro de uma chapa photographica; abria apenas uma vez para ficar eternamente velado á luz de um engano, ou para guardar e reproduzir immutavelmente a mesma imagem, até quebrar.

E dia a dia, cada hora mais intransigente e sonhadora, isolava candidamente a sua alma, sem ver que as faces lhe desbotavam e as olheiras se azulavam mais.

Agora, aos 25 annos, no cahir lasso dos hombros, como sobre duas azas fatigadas, adivinhava-se o peso de um sonho morto cahindo de muito alto. E nos olhos de brilho tremulo, nas mãos finas, inquietas, no seio offegando apressadamente, descobria-se a vibratili-dade de uma andorinha aerica e febril, caçada de voar muito no ceu...

Soffria muito, mas soffria resignadamente, a incomprehendida Lucilia!

No mundo tudo lhe parecia maculado e vulgar. A propria poesia brotava do coração dos poetas como os lyrios do estreme nojoso da leira. Ora Lucilia nunca cheirava uma flor quando se lembrava da raiz..., e repellia os versos ao lembrar-se que seriam escriptos com os dedos escaldados da orgia.

as veias a lava do desejo amortecida. Agora, por uma evocação absurda, incoherente, perpassavam-lhe confusamente á roda do leito scenas extravagantes da volupia mais torpe, da bestialidade mais suja. Do corpo ardente, ennovellado, sahiam-lhe gestos de repulsão, cahindo em seguida n'um abandono irremediavel. Quiz abrir os olhos para afastar as visões, mas as palpebras permaneceram cerradas, opprimidas em labios de fogo.

Todo o ambiente do quarto escaldava como se uma lingua do fogo o tivesse incendiado. E a pobre Lucilia jazia por fim vencida, infernalmente vencida, como se aquelle sophá de braços abertos onde o seu corpo se debatera, fosse um satyro de membros electricos a que o seu corpiço tivesse adherido...

— Estás doente, minha filha?

Lucilia, a esta voz cariciosa, erguera-se de um pulo.

Em frente da mãe que entrara de mansinho no quarto, velou as faces retintas de immensa vergonha.

— Mas tu estás mal, Lucilia?...

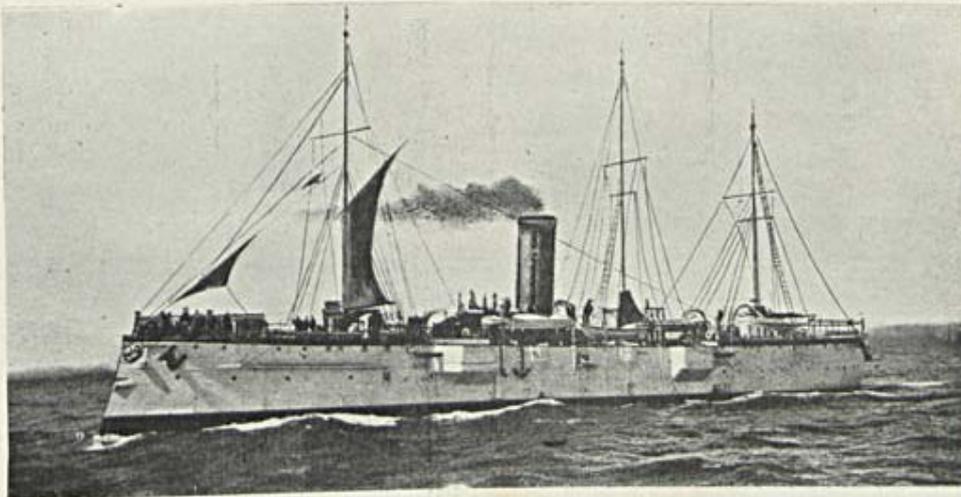
— Não... mamã, não... Isto passa... E' do fogão...

E quando a mãe ia beijar-lhe carinhosamente a face ainda tingida dos pensamentos hediondos, a purissima Lucilia afastou-a suavemente:

— Não mamã... agora não... Logo, logo...

E sahiu do quarto para a varanda envidraçada que dava sobre o jardim.

A noite desprendera já o vôo de uma serra oriental e subia len-



O cruzador «S. Gabriel»

Saiu do Tejo para a sua viagem de circumnavegação o cruzador portuguez «S. Gabriel», de que damos uma estampa — uma viagem longa para tirocinio de aspirantes.

Este navio, commandado pelo capitão de fragata, sr. Pinto Basto, depois de percorrer todo o Brasil, de Pernambuco ao Rio Grande do Sul, seguirá, em 7 de fevereiro para Montevideo e Buenos Ayres. Vae em seguida ao Pacifico, á China e India e regressará a Portugal depois de visitar a Africa Oriental e Occidental.

E comtudo, o seu ideal era um poeta; mas um poeta que apenas conhecesse do mundo o seu quarto de virgem, onde jamais deslisára a bota de um galanteador.

Durante longos annos esperou esse noivo, e para elle se ia adornando com mil perfeições originaes. Nunca a sua mão nua passara em dedos masculinos, nem a sua lingua molhara um sello do correio ou a gomma de um sobrescripto... Os cabellos cahidos no penteador eram escriptos e queimados, e só dava esmolos de roupas novas, para que os seus vestidos usados não fossem tocar os corpos descamisados das mendigas...

Pode dizer-se que Lucilia se adorava com requintada autolatria enquanto o noivo não vinha.

Mas os annos passavam, sem que o noivo apparecesse, sem que ella transigisse.

Lucilia ia desesperando. O desejo do aniquilamento fustigava-lhe por vezes o cerebro.

Uma tarde de outubro estando deitada n'um sophá com os pés apoiados na grade do fogão, viu cahir no braseiro uma borboleta alva, pequenina, que se fundiu rapidamente como um pedacito de uma folha tenue de chumbo lançado n'uma brasa viva.

Lucilia recuou os pés e encolheu todo o corpo n'um repellão levando as mãos aos olhos, horrorizada. Alvorçou-se-lhe todo o sangue e as faces contrahiram-se-lhe n'uma sensação mixta de piedade e de nausea.

«A desditosa borboleta!»...

E continuou de olhos cerrados, amadorrada do calor e da commoção, a pensar febrilmente na sorte do pobre insecto. Afinal a sua vida era talvez a vida da borboleta.

Uma voára de jardim em jardim; outra de sonho em sonho. O ultimo vôo findara n'um braseiro; o seu ultimo sonho morreria n'uma fofalha de... luxuria!

Um novo repellão sacudiu-lhe o corpo, diffundindo-lhe por todas

tamente no céu, projectando as azas negras, immensas, sobre a metade da natureza.

Havia frio e silencio.

A' medida que a sombra corria apagando as coisas e os homens, Lucilia serenava.

Finalmente a noite cerrara e a vegetação do jardim velou-se de sombra.

Tudo escurecera. Apenas sobre a agua do lago proximo onde se molhavam estrellas, branquejava a plumagem de um cysne immovel escondendo pensativamente o bico no peito.

Lucilia olhou a ave e estremeceu.

Lembrou-se vagamente de ter lido a tragédia de um cysne morto de paixão e ciúme pela linda dona que, depois de o ter beijado e apertado no seio, o deixara grosseiramente para casar com um... homem.

A Lucilia, a incorrigivel Lucilia!

No dia seguinte que era um domingo, levantara-se desfibrada. Uma lassidão pegajosa fechava-lhe os olhos, colava-lhe os gestos, e tinha nas faces e nos labios nitidamente recortados um ligeiro sobre-tom pallido.

Só alto dia sahira do quarto, indo passar a tarde na varanda do jardim.

O sol baixo e somnolento dobrava-se já sobre o leito por entre nuvens raras, dispersas, abrindo e semi-fechando os olhos sem cruizas de fogo ou de frio.

Não tremia um ramo. Adivinhava-se na triste quietação do ambiente uma tregua de lucta concedida pelos ventos outomniços, as arvores caçadas para sepultarem placida e piedosamente as suas folhas mortas.

Nem um ruido de trabalho a vibrar n'esta solidude. Nos campos

distantes onde pastavam gados ociosos, havia a immobilitade recolhida, sobrenatural, dos dias santos de guarda.

Lucilia, amargurada n'este isolamento excessivo, estremeceu na cadeira.

«Ora os homens»... murmurou passando a mão veloz pela frente, a enxotar o vóo de uma imagem incommoda como o zumbido de uma mosca.

E recahiú, sumiu-se na immobilitade do sonho, intimamente recolhida na cella mystica da sua perfeição.

De subito, chegaram-lhe aos ouvidos vozes semi-veladas, confidencias, vindas de muito proximo.

Ergueu-se e olhou. Na margem do caminho que ladeava o jardim, estava um par de conversados: o Manuel da Engracia e a Ignez da Martha.

«A ventura grosseira! A felicidade de curral! desdenhou enojada.

E por necessidade physica, poz-se a escutar, quasi indifferente.

O Manuel, todo endomingado e brunido, coberto por um immenso chapéu de lã, tinha as costas voltadas para Lucilia, e o corpo, es-

seu paraíso sonhado — uma fita magica á roda da qual os seus desejos se prendiam tremulos e quentes como filigranas de ouro á volta de um magnete.

A sua cabecita de ave estonteada girava á volta d'aquelle chapéu, e os seus cabellos electricos esvoaçavam e collavam-se n'um redemoinho ao busto do Manuel da Engracia.

Entretanto escurecera, e os noivos separaram-se.

«Era então certo que o amor-chimera, o amor-sonho, encarnava nos corpos rudes? Havia de saber. O Manuel era jornalista da casa, e como no dia immediato havia trabalho no jardim, interroga-lo-ia.»

No dia seguinte, ás dez da manhã, Lucilia desceu ao jardim. Aeriamente languida, diluida n'uma *matinée* longa de seda, apenas no busto se lhe materialisavam os seios pequeninos que ella op-



Nicolau Pinto da Silva Valle.
Consul do Brasil no Porto



D. Ilda de Mattos Pereira Valle
Esposa do consul do Brasil no Porto

belto e seivoso, levemente reclinado n'uma vara longa apoiada na axilla direita.

Na sua frente, vestida de saiotte vermelho com barra de velludo negro e lenço de ramagens claras atado no alto da cabeça, estava Ignez deliciosamente apertada n'um chambre de castorina azul, com a frente curva, muito enleada a olhar um ramo de giestal que as suas mãos tostadas iam quebrando demoradamente, fresta a fresta.

Pequenina e baixa, de um talhe opprimido dos carrêgos, Ignez, vista da varanda de Lucilia, parecia abrigar-se á sombra do chapéu enorme do noivo.

Esta particularidade do quadro interessou Lucilia e reaccendeu-lhe a phantasia dormente. Fixou os olhos no chapéu e applicou o ouvido, agora avidamente.

Mas os noivos pouco falavam, e as raras palavras de amor, sem ventos que as espalhassem, exgotavam todas as harmonias até ao ultimo som, sob as abas longas d'aquelle chapéu.

Não conseguia ouvir uma syllaba.

Os noivos pareciam tristes, desolados.

N'um momento, o Manuel tirou um lenço do bolso da quinzena e levou-o ao rosto demorando-o sobre os olhos como quem estanca torrentes de lagrimas.

«Elle chora!» disse Lucilia, n'um tremor compassivo.

E os olhos da sua carne aristocrata perturbaram-se olhando o corpo bello d'aquelle rapaz musculoso.

De quando em quando, Ignez movia o corpo, desviava um passo, e Manuel inclinava o chapéu, dobrando-lhe a aba na frente.

Lucilia, do alto da varanda, via aquella dobra cahir e occultar todo o horizonte, toda a natureza, todo o mundo, como se o noivo quizesse limitar toda a visão ao perfil da namorada.

Por uma tentação phantastica, desejou abrigar-se n'aquelle mundo, á sombra d'aquelle chapéu.

Agora, a fita estreita que o debruava era a linha horisontal do

primia na mão, a refrear-lhes graciosamente o temor voluptuoso d'aquelle audacia.

— Bons dias, Manuel... Então a tua Ignez é assim tão má?...

O rapaz, surprehendido no trabalho, tirou o chapéu e correu-lhe a fita pelos dedos, de olhar baixo, envergonhado.

— Sim, ella é má, fez-te chorar?... insistiu Lucilia.

— Isso não, minha senhora; peço desculpa, mas eu não chorei...

— Ora, não choraste... Então eu não vi além da varanda, a limpares constantemente os olhos?

— Mas isso era de...

E o pobre rapaz calou-se congestionado, como se houvesse engulido uma pedra.

— Diz, diz?... Era de quê?...

— Envergonho-me, minha senhora...

— Mas quero eu que fales... Vá... diz?...

Então o noivo da Ignez, com os olhos ainda inflammados da doença, disse a meia voz, levando aos olhos um lenço immundo:

— Era da pisqueira, minha senhora...

Guarda, 1909.

P. ALVARES DE ALMEIDA.

PENSAMENTOS

As mulheres não teem maiores inimigos do que as mulheres.

☞

O mais feliz dos homens é aquelle que faz a felicidade dos outros.

Soror Adelaide de Bragança

A senhora D. Adelaide de Bragança ha pouco fallecida na Inglaterra, onde vivia na tranquillidade de um mosteiro, era a viuva do senhor D. Miguel.

Rainha sem throno e sem nunca ter pisado o solo da sua patria adoptiva, ella teve no entanto sempre em volta de si os respeitos mais sinceros, as dedicações mais entusiastas e as homenagens mais sentidas, da parte de todos os que seguiam as idéas do seu marido e ainda hoje seguem as de seu filho. Não teve adulações interesseiras nem cortezaões intrigantes, o que de resto a sua alta intelligencia, a sua modestia e a sua alma bem formada, nunca poderiam admittir.

E foi assim, convivendo com os partidarios de seu marido, apreciando-lhes a fidelidade, vendo a sua fé, e recebendo constantes testemunhos da sua dedicação que lhe recordavam nos tempos modernos algumas das mais bellas paginas da historia antiga, que a virtuosa senhora aprendeu a amar todos os portuguezes, a repartir por todos igual ternura e que, tendo cumprido a sua missão de esposa e de mãe, quiz passar o resto dos seus dias resando por todos na solidão de um claustro, longe do mundo, apartada de todas as grandezas da terra, bem distante do fausto das primeiras côrtes da Europa onde tinha um dos principaes logares pelo seu allo nascimento e pelas nobilissimas qualidades que lhe adornavam o caracter. A senhora D. Adelaide de Bragança terminou assim os seus dias obedecendo ao mesmo impulso de ternura e de caridade christã que a levou a casar com um rei já sem throno e a passar o melhor da sua mocidade dulcificando-lhe as saudades que elle sempre teve da terra onde nasceu.

Muito se poderia dizer da illustre senhora, e tanto que não cabe no espaço destinado a este artigo. Tudo, porém, pode talvez resumir-se em meia duzia de palavras:— a sua biographia é o elogio da virtude personificada n'uma princeza bondosa, n'uma es-

posa dedicadissima e n'uma mãe exemplar. Assim o comprehendeu toda a imprensa portugueza, manifestando o seu sentimento pela morte da augusta princeza.

A senhora D. Adelaide de Bragança, princeza de Lövenstein-Wertheim-Rosenberg, tinha nascido a 3 de Abril de 1831 e havia casado com o senhor D. Miguel no dia 24 de Setembro de 1851. D'este casamento houve os seguintes filhos:

A senhora D. Maria das Neves, nascida em Heubach (Baviera) a 5 de Agosto de 1852, a qual casou com o infante D. Affonso de Bourbon.

O senhor D. Miguel de Bragança, nascido em Heubach a 19 de Setembro de 1853. Casou a primeira vez a 17 de Outubro de 1877

com a senhora D. Isabel Maria de Thurn e Taxis fallecida em 1881, e a segunda a 8 de Novembro de 1893 com a senhora D. Maria Thereza de Lövenstein.

A senhora D. Maria Thereza, nascida em Heubach a 24 de Agosto de 1855, e actualmente viuva do archiduque de Austria, Carlos Luiz, que era o herdeiro presumptivo dos thronos da Austria e Hungria.

A senhora D. Maria José, nascida em Bronnbach (Baden) a 19 de Março de 1857, e viuva ha poucos dias do principe Carlos Theodoro, duque em Baviera.

A senhora D. Aldegundes, nascida em Bronnbach a 10 de Novembro de 1858, a qual casou com o principe Henrique de Bourbon, conde de Bardi.

A senhora D. Maria Anna, nascida em Bronnbach a 13 de Julho de 1861, e casada com S. A. R. o grão duque Guilherme do Luxemburgo.

A senhora D. Maria Antonia, nascida em Bronnbach a 28 de Novembro de 1862, viuva do principe Roberto de Bourbon, duque de Parma.

A familia dos principes de Lövenstein-Wertheim-Rosenberg é uma das mais antigas da Allemanha e conseguiu fugir ao contagio das doutrinas de Lutero, conservando-se sempre firme nas suas crenças catholicas.

A senhora D. Adelaide de Bragança professou na Ordem dos Benedictinos de Solesmes, em França, a qual depois da expulsão das ordens religiosas transferiu a sua residencia para a ilha de Wight, na Inglaterra.



A senhora D. Adelaide Sophia de Bragança
(† a 16 de dezembro de 1909)

Guimarães



vistada na avançada offegante da portinhola do caminho de ferro, a anciana cidade de Guimarães é um confuso amesendado de casaria calcando a ridente verdura d'um valle.

Num esfumado de céu crava as présas das suas ameias o roqueiro *Castello*, a desafiar as cumiadas das serranias fronteiriças entre que deixou, á guisa de fosso, a defensão natural dos oiteiros.

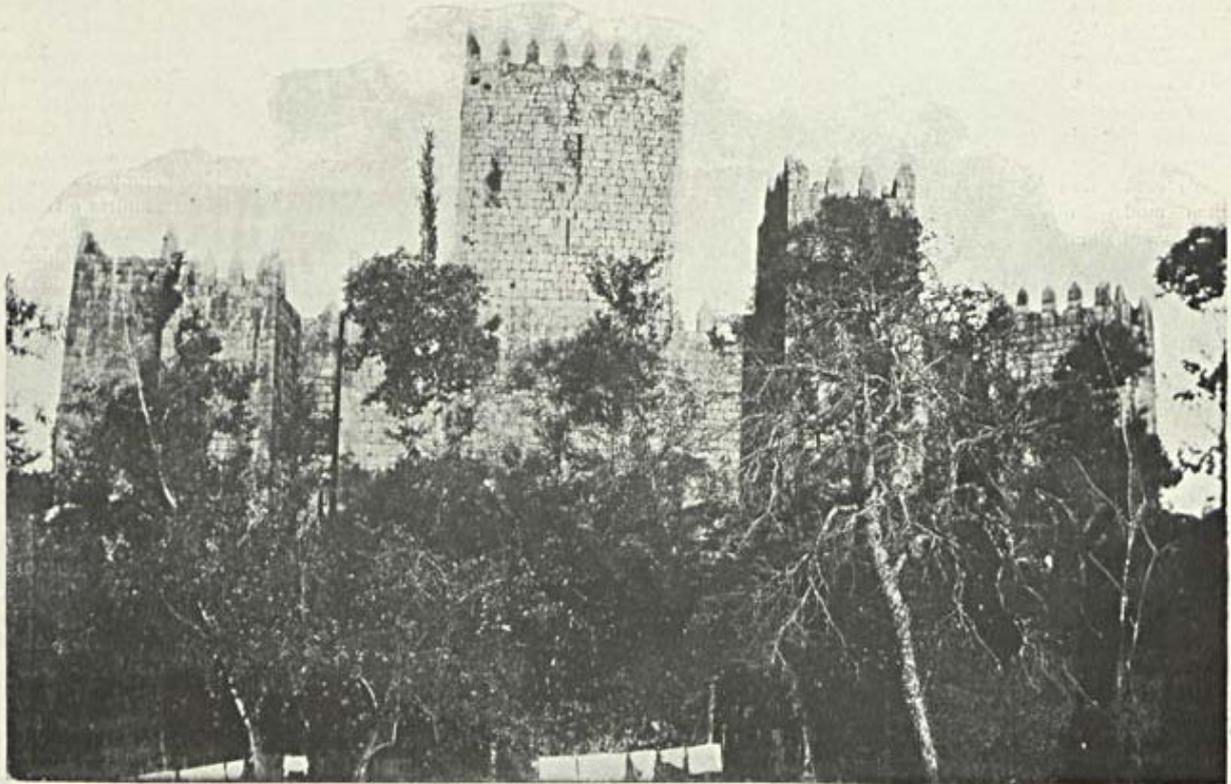
Torres, tubas fabris buzinando a presença d'uma povoação industrialista, imminencias frondosas, e, assim que a vista busca o pormenor, uma curva brusca furta o panorama, numa arrelia faceira.

Mirada, porém, de qualquer d'aquellas denteadas muralhas naturais com que a «Penhas» se defende da doença e dos calores da terra-baixa, a veneranda cidade vimaranense é uma perfeita custodia pou-

mais preciosa do país; e o sentimento mais rude se queda enlevado e desolado n'esse amás desamparado de paredes zebradas do tempo, de escadas, de galerias, de adobes cylindricos, perfil fidalgo e robusto a que as vergas cruciformes e as ogivas floridas das janellas dão delicadezas de arte, evocadoras revelações do seculo xv, e jcuo tom amarellecido das pedras parece chorar o insultuoso uso de caserna em que deu esse solar de principes.

Triste symbolo do denegrimto das coisas de hontem, em comparação ás coisas de hoje, é esse avistar da *Collegiada*, que a fé de D. João I reconstruiu votivamente após Aljubarrota e que o seculo xvii e o democratizante e vandalico seculo xviii insolitamente additaram, repararam e siviciaram. Que mais faz que esse seculo xviii a houvesse dotado com o ostentoso sacrario de prata cinzelada, e conservado, nuns restos de tardio escrupulo, a pia baptismal onde a tradição baptisa o *Fundador*, se deturpou a primitiva fabrica de tres naves, se calunniou com um chumaço de granito a magnifica janella historiada?...

Passemos indifferentes pelo incaracteristico edificio do *Theatro*, consideremos como vae de azas crestadas a Fé, para não poder acabar a *Basilica de S. Pedro*. E, rodeando o *Largo Affonso Henriques*, pousemos, como andorinhas em pedra lavada, o olhar apaixonado do passado nas archivoltas da *Igreja de S. Francisco*, que, a não ser o portico com as quatro columnas e as suas quatro archivoltas, e absydiolos, e as janellas ogivaes e geminadas, da primiti-



Guimarães. — O castello

sada sobre o valle, com o punho assente na estrada da «Costa» e o relicario recortado pelo nucleo do povoado, dende emergem, como rebrilhamentos de alfaia sacra, as estradas de Fafe, a de Famalicão, os leitos das duas Avenidas, numa resplandecencia estrellada que o sol despede dos vidros dos seus immoveis e do dorso das suas vias, sacando o deslumbramento do bater da luz nas pedrarias d'um hostiario, descerrado ao officiar.

O nucleo, com as suas vidraças, as suas cupulas, os verdêtes do arvoredo, as claridades da cal e as violencias da telha, é o cravejamento da custodia de que, em scintillações de minerios regios — os rubis, as esmeraldas, os diamantes —, d'um thezouro de Sé, faiscam os saibros das estradas num rebrilhamento polygonal, estralejando fachos de luz.

O punho ponderoso e sobrio forma-o o florido pendor do «Mosteiro da Costa» cujos azulejos reproduzem ainda as applicadas lições de D. Duarte, nessa quasi-universidade.

E um amoroso, com contemplativo interesse entra a pedir-nos os nomes dos santos que padroam aquellas torres, o roteiro d'aquellas ruas, o distico d'aquellas clareiras que abrem em campos, os appellidos d'aquelles edificios, a decifração dos seus brazões.

Então, a vista, num lento e triumphal discernir de amanhecer, reconhece primeiro as altas pedras dos monumentos, os cubêlos do *Castello*, a dominadora torre de menagem fitando desdenhosa o debate industrialista que se passa aos seus pés, debaixo dos quaes ficou atulhada a grandeza da Idade-Média; logo, muito cêrca, os *Paços dos Duques de Bragança*, que o infante D. Affonso; o bastardo de D. João I e genro de Nun'Alvares, construiu numa hora monumentosa e opulenta, traçando a residencia senhorial mais vasta e

va, se não acreditaria que tivesse sido levantada por obreiros do seculo xv ao serviço de D. João I.

Acostumados já a discriminar a topographia do *Berço*, d'aquella altitude arrogante do *Monte de Nossa Senhora da Penha*, lá encontramos o *Largo Affonso Henriques* cuja estatua em bronze o genio de Soares dos Reis ajudou a erguer no seu saio de malha.

Adeante, o *Toural* com o seu pequeno jardim e o seu quadrilatero incompleto, murado de immoveis squadriados, séccos e monotonos por onde se abriga o commercio.

Logo alli, o *Campo da Feira*, desnudo e vasio que os dias de feira movimentam, com as suas tendas, os taboleiros de fazendas, de alfaias, de mantas de farrapos, os seus taleigos de feijão e as suas saccas de cereaes, a môlhada de varapaus e de choupas ensarilhadas como armas de bivaque, o gado, toda essa merca rural e agricola dos sabbados de Guimarães.

E, já sem esforço, outros locais e outras pedras conhecidas e nomeadas: o *Seminario*, a casa do sabio Martins Sarmiento, o palacete dos Condes de Margaride, e, mais nos longes, a ardosa da estação do caminho de ferro, telhas de escolas e adobes de fabricas.

A ventera do bento *Monte*, vento leal de serra, agora que o panorama está escoldrinhado, faz-se lembrar e, então, é a «Pênya» que se nos offerece e nos prende com as suas lapas evocadoras de grutas celebres e de suggestões da *Virgem do Rochedo*, de Lourdes, o seu amphitheatro de serras acenando no horizonte.

Nesse relancear se fica a reverenciar o burgo vimaranense, merecedora de mais delongada e menudente peregrinação, que pôde emprehender-se, affeito, sem arreceio de nos desencartarmos por a intimidade lhe penetrar.

Que Guimarães, quanto mais de cêrca se conhecer mais se fica amando.

Poucas, com ella, terão tão gratos e inspirados contrastes; não é uma cidade trabalhadeira apenas, uma cosmopolis do prazer ou um museu do passado.

Guimarães contém a melancholica avocação do seculo xv e os nevrasthenisantes arruídos do seculo vinte.

Tão depressa se ouve o rangimento d'um tear mechanic como se nos depára um balcão de balaustres em torcidos ou em rosario, uma rosacea, um nicho, uma misula ou uma casa de resalto.

Tem a paz do claustro e a azafama d'uma officina; e os seus cuteleiros naquelle scenario augusto tomam proporções de alfagemes temperando gladios de condestaveis-santos.

Ao tornar d'um tanque de curtimento de couros, dá-se com um panno de muralha escapo dos successivos planejamentos camararios.

No céu azul apruma-se o seculo xiii na ameçada torre do *Castello* ou o tijólo de chaminés fabris.

Um cabo de corrente electrica corta a perspectiva d'um cruzeiro quinhentista.

Summariada a sua industria tradicional, a cutelaria, os mo-rênos linhos, de que vestem os peitos dos lavradores e a carnacão delicada das santas, a coirama, as fitas, e a nova industria dos pentes, de cellulóide e de chifre, os nossos passos e o nosso pensamento retornam á poesia incomparavel do Passado.

E' então uma embriagante vagabundagem por esse arruamento em que qualquer travessa, qualquer bêco é uma pagina de historia e uma lição de esthetica.

E quando houvermos folheado todas essas estampas de arte retrospectiva: o Sanctuario de N. Senhora da Oliveira com o românico patente nas suas arcadas e nos capiteis e na porta da *sala do capitulo*, e cuja claustro nos ensina a contar desde o seculo xiii ao seculo xvi pela feira dos seus tumulos; os *Paços do concelho* asso-

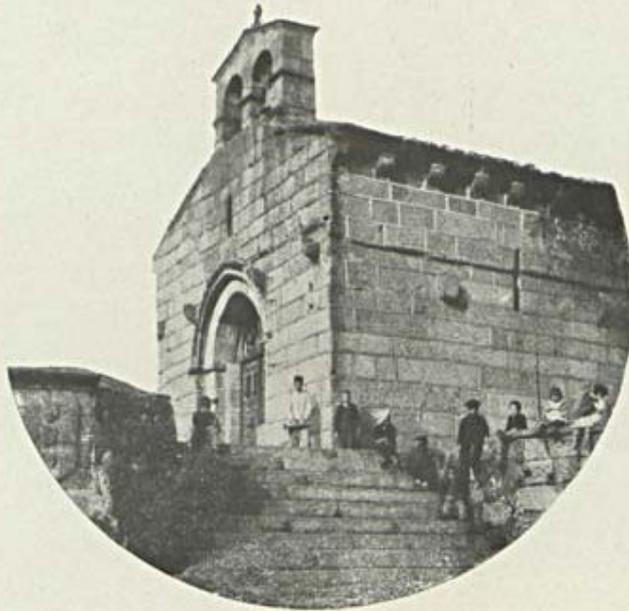
Quem vir a lastimosa mutilação das estatuas jacentes dos tumulos em granito e lavrados a pedra d'Ançã, de Cogominho e sua dama, Izabel Ribeiro, fundadores do primeiro terço do templo, e que se encontram no primeiro pavimento abobadado ao deixar o fundo da nave pela porta que leva á torre manuelina da principal fachada, não espera tão copiosa e grave collecção de reliquias artisticas como archiva o museu sacro da *Collegiada* de Guimarães, notabilissimo em Portugal.

O tryptico de prata doirada doado por D. João I á Senhora de Oliveira, é um precioso e riquissimo exemplar gothico, impregnado de mystica candura, d'uma scena do harmonioso amor da sacra familia surprehendida por um artista que devia de ser um apostolo.

E mais: um calice e patena, em prata doirada, com formosos esmaltes do seculo xiii-xiv; a ponderosa cruz processional em prata, da segunda metade do seculo xvi, a base em primorosos baixos relevos, e haste em flor de liz; dois cofres gothicos; a custodia do seculo xvi; o calice manuelino, de campainhas, esculpido e esmaltado; duas cruces gothicas rematadas por flores de liz; um jarro e um gomil de prata; uma corôa e um peitoral cravejado; duas bandejas *repoussée*, e collares, aderções, arrecadas, aneis e outras joias que attestam o cessamento da inspiração artistica e a persistencia da fé em N. Senhora da Oliveira, a mesma a quem D. João I offereceu aquelle *Pelote* desfiado que viu arraiar a victoria no campo de Aljubarrôta.

Ha ainda os gavetões e cabides de paramentos, seis preciosidades em velludo ou em seda bordados a ouro com labores a matiz, do seculo xvi e do seculo xvii.

Da *Collegiada* ao claustro do seculo xiv — cujos arcos são separados por columnas gemminadas de capiteis abundante e preciosamente decorados, — que guarda ciosamente o espólio archeologico do *Sociedade Martins Sarmiento*, na sua maioria procedente das excavações de Sabrosa, de Briteiros, de Ancora, de Caminha e de Bar-



Guimarães — Egreja de S. Miguel (exemplar românico) a poucos passos do concelho



Guimarães — Os Paços do Concelho



Guimarães — A estatua de Affonso Henriques

bradados em baixos olhos ogivaes, cimalhados de ameias em que se estriba a petulancia d'um guerreiro seculo xviii, portador das armas da cidade; a egreja da Misericordia e a do Carmo, duas testemunhas do seculo xvi e do seculo xvii — resta-nos ainda para doce recolhimento de algumas horas o thesouro da Collegiada e o museu archeologico da *Sociedade Martins Sarmiento*.

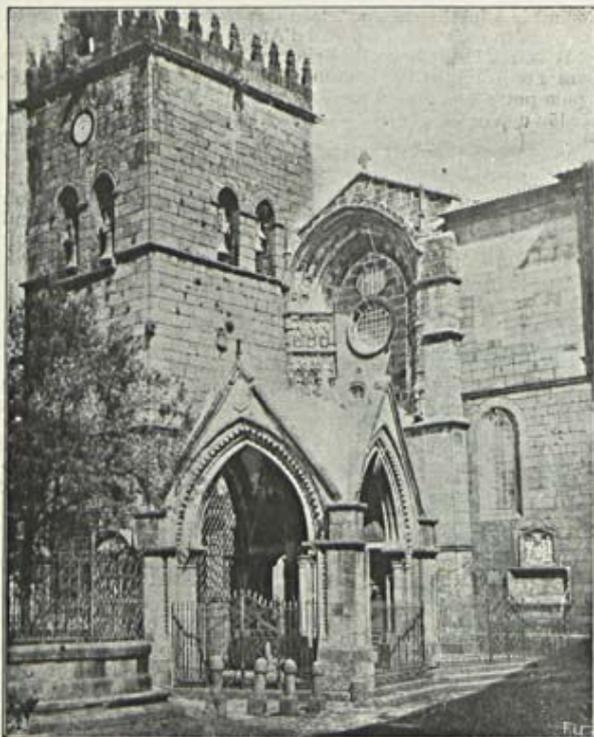
Fronteiro á Collegiada, um baldaquino gothico, devoção de Afonso, o Bravo, acolhe-se um cruzeiro normando do seculo xiv cuja inscripção poetica afirma e jura haver alli sido levantado pelo mercador Pedro Esteves.

cellos, e que são o resumo da grande tarefa scientifica legada pelo insigne Sarmiento.

Ao centro do claustro, o principal documento artistico da *Citania* de Briteiros — a *Pedra Formosa* que se presume seria uma ara sacrificial.

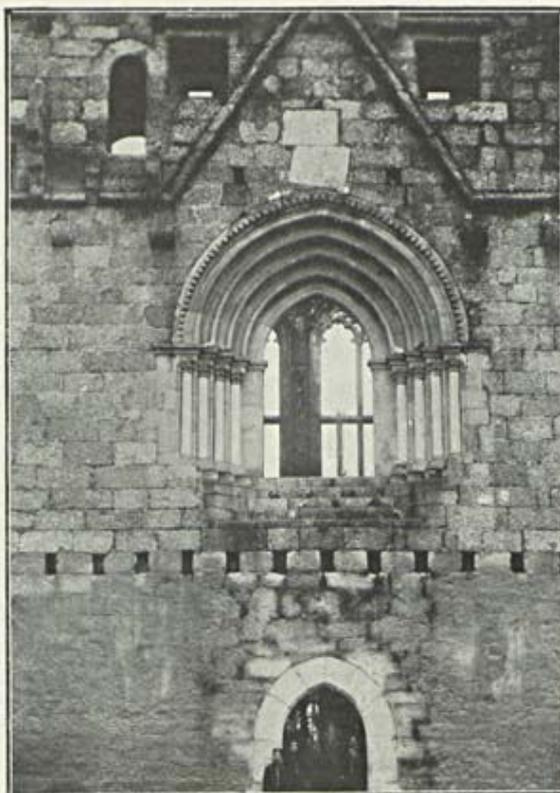
De roda da cêrca, despojos pre-historicos, proto-historicos, românicos e medievos; lapides, inscripções, pedras votivas, sepulturas em rocha, pedras ornamentadas, tentativas primitivas da arte iberica.

Molduras d'arcos, esculpturas, capiteis, um cruzeiro ogival, fus-



Guimarães

O Baldaquino gothico fronteiro à Collegiada de Guimarães



Guimarães — Formosa janella ogival em vergas cruciformes dos Paços dos Duques de Bragança

tes e bases de columnas, românicas, gothicas, renascença e mais recentes documentam os tempos historicos.

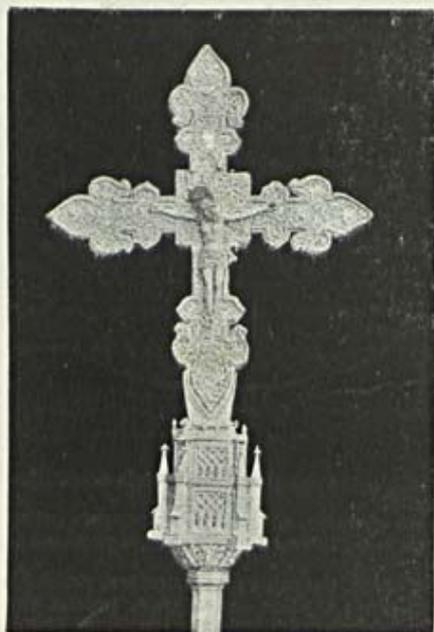
Uma galeria, que decorre por sobre duas alas do claustro, patenteia fragmentos de olaria, desde a mais grosseira á mais aperfeiçoada, lucernas de barro, vasilhame, telhas, fibulas, alfinetes e outros atavios de cobre, machados, attestando a idade paleolithica e a do bronze, mosaicos romanos, uma collecção de moedas desde o dominio romano até nossos dias, metaes e cobres gothicos, pergaminhos, azulejos hispano-árabes do seculo xv e xvi, e azulejos flamengos e nacionaes dos seculos xvii e xviii e alguma, pouca mas estimavel, faiança nacional.

Num angulo da galeria uma soberba estante choral, sopêsa um livro de canto-chão, illuminado.

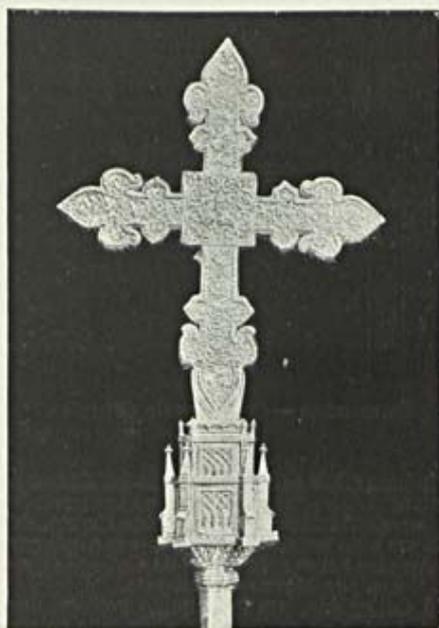
Amorosamente, um edificio, monumental mas confuso, installa a bibliotheca da *Sociedade Martins Sarmiento* com alguns volumes raros e a documentação legada pelo desinteressado archeologo vimaranense, fundador do gremio scientista e da valiosa *Revista de Guimarães*, um dos que mais remota e eminentemente trabalhou pola Grey.

Nenhum portuguez de lei que atravesse Guimarães jámais deixe de visitar venerantemente o *Museu e Sociedade Martins Sarmiento*, nem deslembrados deixe esses graciosos e suggestivos apontamentos de paisagem, a embriagadora fuga por esse trecho do Minho, onde ao lado da azinhaga desgarra uma canção bachante o bardo enroscado nas carvalheiras, onde sorri o fêto e a encosta esmalta o panorama de verdes violentamente sensuaes, onde o valle tem o tamanho da contricção d'um peccador, onde a collina é uma volupia, a estrada uma preguiça, a encosta um beijo, a luz um licôr que inquieta a carne e perturba a alma, natureza para ir para lá noivar, paraizo em que a Terra e o Homem succumbem com a inexperiençia cubiçosa de Adão, num arrebatamento de exuberancias irrequietas e sãs, e em que até o proprio firmamento parece crestar com o seu olhar acêso e desejeoso as provocantes fórmas da fecunda terra faceira e pequenina.

JOAQUIM LEITÃO.



Guimarães — Cruz processional em flores de liz (seculo xvi)



Guimarães — Cruz processional (reverso)

Mimi Aguglia

Já não é cedo para falar de Mimi Aguglia, mas nunca é tarde para dizer e registrar a impressão que a Arte, por meio de uma das suas grandes e poderosas interpretes, deixou no nosso espirito. Perante elle desfiliam ainda essas figuras de tragedia, essas creaturas de soffrimento, que a grande artista evocava, não deixando na sombra nenhum dos males que a fatalidade arremessa sobre ellas, nenhuma das angustias que as opprimem.



Mimi Aguglia

O traço predominante que faz destacar Mimi Aguglia de todas as grandes interpretes da arte dramatica é exactamente esse. É essa faculdade, por nenhuma outra ainda attingida, de penetrar em todos os infernos da vida e arrancar de lá, e trazer á superficie, e por um poder enorme de suggestão, transmitir a todos os que, sob uma oppressão invencivel a vêem e a escutam, as vibrações mais fundas do sentimento, as mais dilacerantes angustias da fome, o desespero na sua expressão febril, o terror em todo o seu extase, as mais absorventes paixões, a dôr humana, em summa, na sua intensidade pavo-

rosa. Grande cerebro, grande coração, grande mulher!

Resumem estas palavras o nosso sentir, a nossa critica, e quantas acrescentassemos não diriam mais.

Mimi Aguglia com a intuição maravilhosa dos seus vinte e tres annos em plena florescencia da mocidade, pode ser imitada ou excedida no desempenho de personagens que como a Zaza ou Margarida Gauthier demandem recursos especiaes, em que a plastica, a galanteria, e sobretudo a *linha*, occupem lugar em evidencia.

Nunca em interpretações d'essas poderá alguem accusa-la de errada ou deficiente comprehensão da figura que desempenha. Ah, teem, por exemplo, a Zaza, de Mimi Aguglia, que é para nós a mais bem comprehendida, a mais coherente, a mais igual, a melhor.

A critica, porém, que, para confrontos, de todos os recursos lança mão, poderá encontrar n'outras famosas actrizes condições naturaes, que mais se prestem á encarnação artistica d'essa personagem, ou á figura esvelta, de escultural relevo, de elegancia rara que nós visionamos sempre para a *Dama das Camélias*.

Ahi poderá o confronto realçar outros nomes e favorecer outras artistas. Ah! mas n'essas figuras do povo, desgrenhadas, convulsas, tragicas, de Capuana, de Gabriel d'Annunzio, n'esses seres revoltos, n'essas creaturas morbidas, arrancadas á pathologia dos hospitaes, n'essas torturadas da Vida, n'esses poderosos symbolos da Dôr humana, ahi, n'esse vasto oceano de soffrimento, ninguém ainda mergulhou como ella, ninguém, de lá de dentro, bem do fundo, soube arrancar gritos mais convulsivos, mais candentes lagrimas, e imprecações de raiva, e arrancos de desespero, e agonias e estertores, e todo o pavôr da morte!

Esta é a superioridade, esta é a grandeza da poderosa actriz siciliana que Lisboa acaba de admirar em successivas noites de arte.

Ao lado de todas as estrellas que teem illuminado o palco do theatro *D. Amelia* quiz o visconde de S. Luiz Braga, o empresario-artista que nos tem dado o prazer espiritalissimo de as vêr, admirar e applaudir n'esse theatro, que ficasse registado, consagrado, o nome de Mimi Aguglia, a ultima na longa e formosa série.

Foi como as suas antecedentes, uma celebração festiva e involvidavel aquella em que perante artistas e representantes da imprensa foi descerrada uma lapide commemorativa, com o nome de Mimi Aguglia.

N'essa festa, que assim se pôde chamar a cerimonia tão emocionante, quem firma estas linhas, solicitado pelos seus collegas, disse

em lingua franceza, procurando assim resumir o pensar e o sentir de todos, as palavras seguintes:

A imprensa, senhora, toma parte em todas as manifestações, em todas as homenagens que tenham por objectivo consagrar a artista eminente que acaba de deslumbrar os nossos espiritos, de emocionar os nossos corações.

Vibrando com os vossos nervos, sentindo com o vosso sentir, sorrindo com o vosso sorriso, chorando com as vossas lagrimas, só agora comprehendemos que a Arte é bem a Vida, é bem a Verdade, porque todas as explosões da colera, todos os impetos do odio, todos os requintes da sensualidade, todas as torturas do ciúme, e a paixão, e a graça, e a poesia, todos os sentimentos humanos, e, coroando todos, o amor, vibraram, viveram, na vossa fragil organização de mulher!

A' nossa grande raça pertenceis, e ainda bem, porque depois de vos escutarmos, depois de vos applaudirmos com toda a nossa alma, sentimo-nos mais fortes, sentimo-nos maiores. Lisonjeaes e engrandeceis, artista, a raça latina.

Olhae atravez d'aquellas janellas, meus senhores, a natureza podia bem associar-se a esta celebração por meio de um dos seus mais bellos sorrisos, de um dos seus dias de sol mais quentes e mais acariciadores. Manda-nos em vez d'isso um dia terrivel, um dia de nuvens carregadas, de trovões, de relampagos, talvez de tempestades. Porquê? E para quê? Ah! Por que a natureza tem sempre razão. É para que n'esta hora gloriosa nós comprehendamos melhor que são tambem trovões, relampagos e tempestades, que agitam e revolvem o fundo do vosso cerebro, o fundo da vossa alma!

Chegou o momento de prestar um acto de justiça, ligar o vosso nome ao do mais intellectual dos nossos empresarios, o visconde de S. Luiz Braga, que como um nababo oriental fez exhibir deante de nós, e, mais do que isso, para nós, todas as riquezas, todas as magnificencias dos vossos thesouros.

Ides partir em breve, eis-nos aqui rendidos, todos nós, subditos vossos, á soberania da vossa magestade, feita de sentimento, de in-



G. Sterin

Primeiro artista da companhia de Mimi Aguglia

telligencia, de grandeza. E vós, caros confrades, esquecei, riscae as palavras que pronunciei ha pouco. Já não está sombreada e triste a face da natureza; não, apesar do tempo, não nos falta o sol, porque vós, senhora, estaes ahi, e irradiaes.

Presos ao vosso carro de triumphos levaeis os nossos corações; deixaes-nos em troca a impressão immensa do vosso genio. Que, para terminar, nos seja permitida, atravez da saudade, uma palavra. Não é o doloroso, o banal *adieu*, mas é uma palavra de consolação, de esperanza, e vamos dize-la: deusa, mulher, genio, ou o que quer que sejaes... *au revoir*.

JAYME VICTOR.

O prodigio do rejuvenescimento humano

Um elixir de longa vida

Na India ingleza, existem ainda crocodillos que já eram velhos quando a Grã-Bretanha conquistou aquelle paiz. Nas ilhas Galapagos, no Pacifico, encontram-se tartarugas gigantescas, de trezentos e quatrocentos annos de idade. Entre os mamiferos, ha baleias que chegam a viver trezentos e cincoenta annos. Os

camellos gozam, em geral, um século de existencia. Aos elephantes attribue-se o poderem viver entre dois e tres seculos.

Porque, pois, alcançam estes seres uma idade tão longa emquanto que o homem, o rei da criação, raras vezes chega a contar uns setenta annos de vida?

Investigando o segredo da longevidade de certos animaes, passou grande parte da sua vida o dr. Hatch, tendo percorrido o universo inteiro e realisando milhares e milhares de experiencias, ao cabo das quaes chegou para nos affirmar, em Memoria lida na Academia de Medicina de Nova-York, que não só desvendou o extraor-

Assumpfos coloniaes



ANGOLA. — Uma habitação no Hunjo

dinario mysterio, mas ainda que descobriu o processo de augmentar consideravelmente a duração da vida humana.

O dr. Hatch diz na sua Memoria que, mercê do soro de sua invenção, os homens podem viver, de hoje em diante, pelo menos um século. E esta não é a unica maravilha contida em tão interessante documento scientifico, do qual passamos a dar os seguintes periodos:

«Estudando as razões da surpreendente longevidade de alguns animaes, deduz-se que deve haver n'esses seres algum órgão, glandula ou secrecção que lhes permita não só resistir aos estragos do tempo, mas ainda renovar, em periodos regulares, a sua vitalidade.



Assumpfos coloniaes. — ANGOLA. — Preparação da farinha (Hollo)

Em consequencia das dimensões gigantescas do elephante, não surprehende o mais leigo em materia scientifica o facto de esse animal viver trezentos annos; mas quando se sabe que um organismo tão pequeno e tão fragil como é o de um papagaio, ou o de um ganso, ou o de um corvo, dura facilmente um século, adquire-se a affirmação de que o tamanho do animal nada tem que ver com a sua longevidade e que deve existir n'esses animaes alguma funcção especial ou alguma facultade que atraze a destruição dos tecidos.

«Para estudar o organismo de animaes de cuja idade me não pudesse restar duvida, percorri o mundo inteiro. Os seres mais velhos de todo o universo são, ao que se cre, as tartarugas gigantes do Oceano Pacifico. Esses animaes monstruosos, alguns dos quaes pesam 200 kilogrammas, são os descendentes directos dos dinosauros

da idade dos reptis. Nas ilhas desertas, essas tartarugas viviam durante seculos sem que coisa alguma ou alguem as incommodasse. E', pois, provavel que ainda existam exemplares de tartarugas contemporaneas da descoberta da America por Christovam Colombo.

«Na impossibilidade de adquirir alguns d'esses exemplares preciosos, fui obrigado a visitar as ilhas em que habitam. Na India, cacei crocodillos que, segundo o testemunho geral, tinham mais de cem annos de idade. N'uma baleeira fiz eu uma expedição a fim de poder examinar o systema glandular das baleias da Groenlandia. Para obter tres variedades de camellos, tive de fazer viagens a outros tantos paizes orientaes.

«Em cada um d'esses seres typicos, pela idade tão avançada que attingem, encontrei a mesma coisa: — um systema glandular sumamente desenvolvido, que segrega um fluido especial muito particular, fluido que exerce uma acção deveras notavel sobre o coração, pulmões e systema nervoso.

«Este liquido fortalece a acção do coração, ao mesmo tempo que a regularisa. Permite a todos os órgãos do corpo realizar o maximo de trabalho com o minimo do gasto dos tecidos.

«O *systema productor de vida*, ou glandular, de que falo, descreve um laço circulatorio perfeito no corpo d'estes animaes, comprehende os órgãos pituitarios no cerebro, a glandula tiroides na garganta, e as capsulas adrenaes situadas nos rins. Comprovei que



Assumpfos coloniaes. — ANGOLA. — Lucunga — Um chefe do Songo e comitica

todas essas glandulas ou órgãos existem no corpo humano, mas que o seu desenvolvimento é insignificante, relativamente ao que alcançam nos organismos dos animaes de longa vida, que me dei ao trabalho de examinar.

«Igualmente verifiquei que o grau de longevidade de cada animal se acha na proporção directa do desenvolvimento do notavel systema glandular, a que me estou referindo.

«O homem possui o *systema rejuvenescedor*, como todos os outros animaes, mas a civilização e os meios artificiaes em que vive acabaram por produzir n'elle grandes mudanças e por atropharem as glandulas que lhe permittiam vida mais longa.

«Não soffre duvida, portanto, que se se pudesse estimular o referido systema para o fazer chegar ao seu devido desenvolvimento,



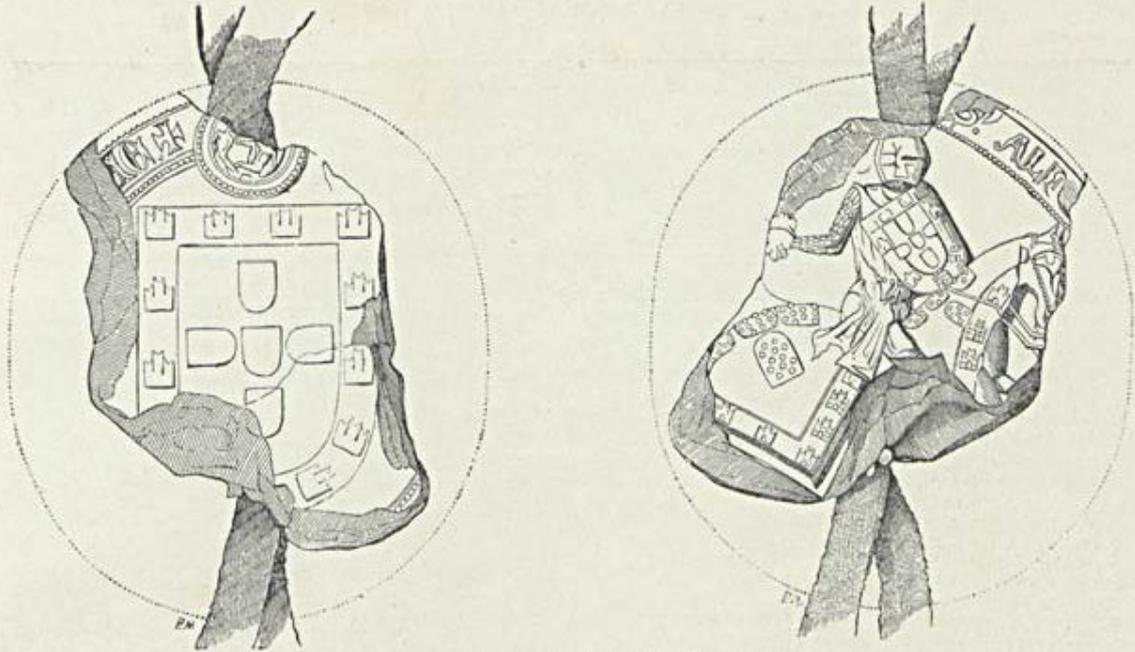
Assumpfos coloniaes. — ANGOLA. — Um chefe do Mussuco

e restaurar-lhe as suas naturaes funcções, o homem poderia viver muitissimo mais do que actualmente vive.

«Desde que me convenci d'este principio, as minhas investigações encaminharam-se para a descoberta d'uma substancia que servisse de estimulo a essas glandulas, ou ver a maneira de elaborar um liquido que exactamente se parecesse com o que é segregado pelas glandulas dos animaes de longa vida, e que, administrado ao homem, retardasse n'elle os progressos da idade propecta.

«Graças ás minhas investigações, graças tambem em parte, ao acaso, á sorte, e aos notaveis trabalhos e estudos preliminares do dr. Sajous, consegui ambas as coisas.

«Dos animaes de mais longa vida e de saude mais robusta, obtive



Sello equestre de D. Afonso III

um soro que, administrado aos homens gastos, de sessenta e setenta annos de idade, em média, tem produzido resultados assombrosos, que quasi parece entrarem no reino da producção artificial da vida. Fiz experiencias em velhos, cujos corações apenas funcionavam, homens cujo sangue estava já tão fraco como a agua e cujas arterias se encontravam obstruidas, cujos debréis tecidos e cujos musculos nem quasi lhes permittiam já andar, e que, sob a influencia maravilhosa do soro sentiram o coração recuperar a sua actividade, e os seus pulmões e o seu sangue oxygenarem-se com o vigor da juventude. Vi, portanto, desaparecer a meus olhos o terrivel effeito dos annos.

«Não quer isto dizer que esses effeitos desapareçam immediatamente á injecção do novo soro. E' certo que observei casos, nos quaes o regresso á juventude se effectuou em sessenta minutos; no curto espaço de uma hora, parecia que haviam tirado trinta annos a um individuo de sessenta e cinco. Mas como os effeitos rapidos costumam ser seguidos da correspondente reacção, prefiro sempre que a obra prodigiosa do rejuvenescimento se opere mais lentamente.

«Na maioria das minhas experiencias, entendi o tratamento por periodos variaveis entre trinta e noventa dias.

«O soro que uso restitue primeiro ao corpo a força necessaria para suster o desgaste e os estragos da idade, e depois, em virtude da sua influencia sobre as glandulas, desenvolve e melhora todo o systema glandular. De modo que o individuo em tratamento se encontra depressa em condições de que o seu proprio corpo subministra a substancia de que necessita para lhe assegurar uma vida larga.

«Ao preparar o novo soro, tenho que obter as capsulas adreanaes e as outras glandulas que constituem o *systema da longa vida* de reptis e outros animais notaveis por sua longevidade. Por meio de processos chimicos, detenho depois o principio activo n'ellas contido, e este principio incorporo-o, por fim, no soro.

«A solução pura é tão forte, que tenho sempre de reduzir o soro á força necessaria, ajuntando-lhe uma solução natural de sal; depois injecto o liquido nos tecidos fundos por meio de uma agulha occa.»

O primeiro larapio

O vocabulo — larapio — é antigo, porque o roubo por fraude já vem de longe, nasceu para a historia com os primeiros funcionarios de graduação elevada, cujas mãos andassem em maior contacto com o cofre publico.

O que, decerto, nem toda a gente conhece é a lenda da injuriosa palavra, que, quanto á idade, conta para cima de dois mil annos de existencia.

Vem ella de Roma, onde havia um pretor para quem a propriedade alheia não era senão o pedaço da seara que só por engano lhe não tocára na partilha da vida.

Chamava-se o honesto funcionario *Lucius Amarus Rufus Apius*, como qualquer funcionario hoje pôde chamar-se — José — e ter cincoenta annos de vida pura e immaculada.

Como na sua vida publica o pretor assignasse com a rubrica *L. A. R. Apius*, o bom povo romano passou, em homenagem ao honesto patife, a chamar *L. A. R. Apius* a todo o sujeito que mostrasse uma predilecção mais visivel pela fazenda do vizinho.



Theatros

Gymnasto, *A Mulher Electrica*, comedia em 3 actos, imitação do francez por André Brun. — *Avenida*, *O Sol-e-dó*, revista em 3 actos e 16 quadros, de Luiz d'Aquino e Accacio de Paiva, musica do maestro Calderon. — *Rua dos Condes*, *Fado e Maxixe*, revista de costumes brasileiros e portuguezes, em 3 actos, original de João Phoca e André Brun, musica de Laz Junior. — *D. Amella*. — *D. Maria*. — *Trindade*. — *Príncipe Real*. — *Colyseu*.

A peça que em beneficio da estimada actriz Jesuina Marques subiu ultimamente á scena no *Gymnasio* é uma feliz adaptação do francez devida ao talentoso comediographo André Brun, que a polvilhou de graça genuinamente portugueza, e que prende por completo a attenção do espectador, mercê do seu graciosissimo enredo e das hilariantes situações que a cada passo se succedem.

Jesuina Marques, que se encarregou da protagonista, sahio-se airoosamente, dando-nos um typo excellente de uma velha com pretensões a menina, que em todos os homens, quer gordos ou magros, altos ou baixos, louros ou castanhos, julga vêr o seu typo preferido. — Foi inexcedivel de graça, sem carregar a nota. Cardoso exteriorizou com immensa verve um tabellião apaixonado, e Augusto Machado teve no papel do medico uma das suas melhores creações. Alegirim, muito á vontade no seu papel, dizendo e gesticulando bem.

Pedro Machado no *Perna fina* deu-nos um typo curiosissimo de cocheiro, cheio de verdade, muito bem observado, sem lhe escapar um unico detalhe, — um trabalho enfim consciencioso e que é digno dos maiores elogios. Telmo, bem, como sempre. Todos os demais contribuíram para o bom exito que a peça obteve, pois o publico mostrou ter ficado satisfeito.

— *O Sol-e-dó* fructo produzido pelos srs. Accacio de Paiva e Luiz Gallardo, dois escriptores de talento, com a sua reputação litteraria feita, pelo que os seus nomes representam uma garantia para o publico, é uma revista cheia de espirito e optimamente escripta, mas que, talvez devido á cohibição das caricaturas politicas ou, quem sabe, á falta de pornographia, foi recebida na primeira noite por uma grande parte do publico com demonstrações de desgastro, a nosso ver, injustificaveis, e, tanto assim, que em ultteriores representações ella tem conseguido o agrado geral. E', incontestavelmente um trabalho honesto, cheio de originalidade, ornada de linda musica e posta em scena com bastante luxo. O scenario, devido aos pinceis de Eduardo Reis e Luiz Salvador, esplendido.

Fez a sua reaparição o popular actor Alfredo de Carvalho, a quem foi feita uma grande ovação ao entrar em scena, e que se acha completamente restabelecido, pelo que o felicitamos. Fez um *compère* com immensa graça, conservando a platéa em constante gargalhada com os seus dictos picarescos. Do elemento masculino sa-

Theatros. — RUA DOS CONDES — Fado e Maxixe

1.º acto

lientaram-se Alvaro Cabral, Simões Coelho, Amarante, Barreiros e o cançonetista brasileiro Geraldo, que foi muito ovacionado em todos os números que cantou. Do feminino, poremos em primeiro lugar Gabriella Lucey, muito graciosa, e dispoendo de uma bellissima voz, Julia Paredes, Isaura e Zulmira Ramos. Os demais, bem.

— *Fado e maxixe*, em scena no **Rua dos Condes**, é uma revista de costumes portuguezes e brasileiros, muito bem observada, onde João Phoca e André Brun deram largas à sua extraordinaria e inexgotavel *verve*. São duas das suas scenas principaes que damos em gravura. Tem quadros e typos optimamente traçados, e a musica, parte original, parte coordenada pelo maestro Luz Junior, é apropriada e de agrado seguro. Está montada e vestida com esmero, e a encenação de João Phoca é magistral. A companhia do Rua dos Condes esforçou-se por dar o maximo brilhantismo ao desempenho, e, asseguramos que o conseguiu, agradando sem reservas.

No **D. Amelia** o *Samsão* está dando as ultimas representações para ceder o seu logar à peça de Georges Duval e Xavier Roux—*O canto do Cysne*, traducção de Tito Martins.

No **D. Maria** fez-se *reprise* do *Amor de Perdição*, de D. João da Camara, e prepara-se a peça *Pupillas do sr. Reitor*, extrahida por Anthero de Figueiredo do romance do mesmo titulo do saudoso Julio Diniz, a *reprise* dos *Peraltas e Secias*, e dois novos originaes portuguezes.

No **Trindade** continúa em pleno successo o *Sonho de Valsa* conjuntamente com as operas *Barbeiro de Sevilha* e *Bohème*, estando em ensaios o *Espadachim do Outeiro*.

O **Principe Real** dar-nos-ha brevemente a revista *Sol e Sombra*, dos applaudidos escriptores Ernesto Ródrigues, Marçal Vaz e Felix Bermudes, da qual nos teem dito maravilhas. O publico julgará.

Lemaire, Maurice Deriaz e o incomparavel Raku, afóra outros artistas como a *Bella Imperio*, a *troupe Marmorini*, etc., etc., continuam a attrahir ao vasto **Colyseu** das Portas de Santo Antão enorme affluencia de publico.

Rev.

Theatros. — RUA DOS CONDES — Fado e Maxixe

(Cliché de A. C. Lima).

2.º acto